

Manifestação de Antônio Augusto Santa Cruz durante homenagem à memória de Fernando Santa Cruz, em Porto Alegre, no dia 31 de agosto.

Boa tarde, gostaria de agradecer ao Sr. Pedro Ruas, em nome da minha família e, sobretudo, em nome de todos que tombaram na luta. Pois bem, essa homenagem é de todos. Mais uma vez, agradeço ao Pedro Ruas e demais entidades defensoras dos direitos humanos aqui presentes.

Para falar de Tio Fernando, é preciso fazer um parêntese e falar dela, a matriarca: Dona Zita, como era chamada, iniciou sua saga por prisões, quartéis e órgãos de repressão à procura dos filhos. Sempre foi grande defensora dos direitos humanos e, maiormente, da democracia. Tio Fernando foi o primeiro a ser preso. Três anos depois, foi a vez de tio Marcelo que chegou a ser expulso da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco por sua atuação política. Ele chegou a exilar-se em Portugal e passou pela Bélgica como alternativa ao cerco à família. Dois anos depois, a filha mais velha, Rosalina que foi sequestrada por agentes da repressão no Rio de Janeiro em companhia do marido Geraldo. Rosalina pertencia à organização Var Palmares, a mesma da querida presidenta Dilma Rousseff.

A busca de vovó Elzita pelo seu filho consistiu na peregrinação por quartéis, como o DOI-Codi, e procura por entidades, políticos e autoridades do regime, além da Cruz Vermelha, Anistia Internacional e Organização dos Estados Americanos. Acabou tornando-se símbolo da resistência, ou melhor, mãe dos presos políticos. Lutou até quando pôde pela descoberta do paradeiro de tio Fernando, embora não tivesse mais pretensões de descobrir a identidade dos possíveis assassinos do filho. Vovó perdeu a lucidez há apenas três anos, ou seja, aos 102. Votou até o ano anterior, aos 101, porque acreditava que qualquer mudança só seria possível se fosse através do voto. Ela vivia em Olinda, onde morei com ela por 25 anos e, ao redor dela, ainda orbitava toda a nossa grande família. A casa tinha um terraço que era o local de grandes discussões e de histórias do período da ditadura. Pude conhecer ainda muito novo a história da minha família.

Filipe Santa Cruz, um dos 28 netos de vovó, filho de Fernando, Ana Lúcia e Edu Scarlety, é atualmente presidente da OAB nacional. Impossibilitado de vir, pediu para que viesse representado a família, neste belíssimo ato, o qual, particularmente, muito me orgulha. Levar o sobrenome da minha família, é motivo, de orgulho e ele o presidente da República não tergiversará, nem falseará a história dos nossos heróis. **Ditadura nunca mais!**

Lutamos muito para chegar até aqui, através das comissões da verdade, da justiça e paz que foram instaladas nos estados, onde puderam obter registros, informações e depoimentos importantes a cerca do período mais sóbrio da história recente do nosso país.

Aos 105 anos, no dia 25 de junho de 2019, minha avó foi ao encontro do seu filho Fernando que, por certo, estava esperando ela na porta do céu, ladeado por vovô Lincoln, tia Márcia, tio Lincoln e Clarinha sua bisneta que faleceu com dois anos de vida.

Aqui faço uma pausa para citar Dom Hélder Câmara, que dizia que as pessoas, para viver muito, tinham que ter uma boa causa para lutar. Vovó tinha!

Vovó Zita, era um ser humano doce, afável e protetor. Nunca vi ou ouvi ela se lamentando da vida, por conta do ocorrido com tio Fernando e, conseqüentemente, com os demais filhos.

Ela dizia sempre que tinha que continuar a vida, cuidar dos demais filhos e dos netos. Na rua onde morava, Rua Manoel de Barros Lima, 210, ela era símbolo de luta e resistência. Ferrenha defensora da democracia, dos princípios constitucionais, sempre fez questão de votar e tornar público o seu voto. Não aceitava mudar de endereço, na esperança de vê-lo voltar.

Afirmo que ela era uma pessoa avançada ao seu tempo, tipo, uma feminista, quando nem se falava sobre esse tema, que é tão atual e importante para os dias de hoje.

Quero ainda, acrescentar a defesa dos direitos das minorias tão aviltados pelo atual governo que quer suprimir direitos com as pseudo justificativas de desenvolvimento e crescimento econômico. Falácia! Tá aí a reforma trabalhista implementada pelos mesmos de outrora e, agora, a previdenciária e, posteriormente, a tributária. Nenhuma delas cumprem o objetivo. Há dois anos aprovaram a reforma trabalhista sob o argumento do crescimento, e como estamos, em Pernambuco, meu estado, posso falar, está um caos econômico e social. Aumento da população desempregada, procurando emprego e se iludindo com a perspectiva de empreender, cito aqui os úberes e os úberes eats que são os escravos modernos, ou seja, trabalham 12 horas por dia, durante sete dias por semana, tendo que pagar pela manutenção dos seus automóveis, sem garantias constitucionais da relação de trabalho. Dessa forma que assistimos a precarização da massa trabalhadora e adoecimentos precoce dos trabalhadores. Digo sempre que é como um jogo que lhe desafia a superar seus próprios limites por conta de uma mixaria (um termo usado para indicar alguma coisa sem valor ou importância, bem como uma quantia muito pequena de dinheiro).

Vovó, nos deixa esse legado que é a inarredável defesa da democracia, contra as injustiças e a defesa da paz. Ela, Elzita, nasceu em Água Preta, interior de Pernambuco, passou a infância e a adolescência em Palmares. Aos 21 anos, casou-se pela primeira vez. Seis meses depois o marido morreu de tuberculose. Cinco anos mais tarde, uniu-se ao médico sanitarista Lincoln Santa Cruz e mudou-se para Olinda. Teve dez filhos, além de 28 netos e 24 bisnetos. Morreu aos 105 anos, sem saber a verdade sobre a morte do seu filho.

Já me encaminhando para fim da minha fala, peço licença para recitar um poema que resume ela e eu prometi repeti-lo em todos os fóruns, nos quais falem sobre ditadura militar:

“Hei de vê-lo voltar, o meu doce consolo, o meu filhinho. Passam-se anos, e o véu do esquecimento baixando sobre as coisas tudo apaga. Menos da mãe, no triste isolamento, a saudade que o coração lhe esmaga.”

Precisamos reclamar por direito à memória, à verdade e à justiça.

Gostaria de pontuar aqui a fala do presidente da República, ocorrido numa segunda feira, onde ele agrediu o Felipe (nominalmente) e a todos os parentes de presos políticos da ditadura civil militar de 64. A fala dele é inadmissível, repugnante e vil. Ele desceu ao nível mais baixo da desumanidade. Nós, familiares recebemos a notícia como uma segunda morte. Típico de milico frustrado, que não sabe conviver com o contraditório e o estado democrático de direito.

Instamos o STF para interpelá-lo e a Corte Interamericana de direitos humanos. Ao STF, ele negou e, ao meu ver, a interpelação cumpriu sua função, não cabendo assim o arquivamento, haja vista que ele tinha o direito de permanecer calado. Mais uma vez, ele mente, então, posso chamá-lo de MENTIROSO.

Na Corte Interamericana, foi apresentada uma representação. Pois bem, ele em cadeia nacional trouxe um elemento novo ao caso e assim, até onde sabemos o capitão entrou no exército em 73 e meu tio Fernando foi sequestrado no Rio de Janeiro com seu amigo Eduardo Collier em fevereiro de 74. Daí, gostaríamos de saber se ele é cúmplice ou não?!? Tio Fernando era um jovem de 26 anos, que tinha emprego, residência fixa, era um idealista que lutava por direitos. Segundo minha avó, ele era um sonhador que queria um mundo melhor para as futuras gerações, e terminou pagando com o próprio corpo.

Por sorte, nos deixou uma semente chamada Felipe, de 1 ano e 10 meses, que transformou a sua dor pessoal em luta e resistência, tornando assim, o nosso maior expoente.

Felipe saiu do Rio, foi morar na Bahia com a mãe, tia Ana Lúcia. Depois, veio pra cá [Porto Alegre], onde ela trabalhou aqui com o Olívio Dutra, inclusive numa greve chegou a ser presa. Mais tarde, Felipe, já com 16 anos, eles retornaram ao Rio e ele ingressa no curso de direito na PUC. Logo em seguida, especializou-se em direito do trabalho, chegando a lecionar a disciplina de direito do trabalho, onde cumulava expediente com o escritório de advocacia.

Foi um estudante/militante estudantil, candidato a vereador no RJ e, logo em seguida, aderiu à luta, pela luta de classe, participando da gestão da OAB-RJ, depois, presidente da CAARJ. Na sequência engatou dois mandatos de presidente da OAB-RJ e, agora, presidente do CFOAB. Ele é um moderador, defende a justiça de transição suave, é de fino trato, um verdadeiro líder e, sobretudo, um democrata.

Diante destes fatos, o Estado nos privou o direito elementar das sociedades ocidentais que é o de velar e enterrar os restos mortais dos nossos entes queridos, para que assim fechássemos o ciclo da vida! Privou da convivência, eu, por exemplo, que não conheci meu tio, muito embora, é unânime nos depoimentos de amigos e colegas dele, a sua ternura e o seu jeito diferenciado de ser, eu acredito que essas pessoas são enviadas a terra para cumprir missões e ele cumpriu.

Sou só orgulho dele e, como minha avó dizia, não criei filho para ser dedo-duro, então, finalizo este discurso dizendo que somos signatários de Sobral Pinto e o medo não integra o nosso vocabulário. A frase que marca tudo isso é, quando pergunto a minha avó se tudo isso valeu a pena e ela prontamente me responde: **“Eu viveria tudo de novo”**. Depois dessa frase, só me restou lutar e seguir defendendo os ideais e a história dos nossos ídolos. Hoje são 434 pessoas que ainda não foram encontradas.

Na segunda feira, recebemos da mão da procuradora federal, a Sra. Eugênia Augusta Gonzaga, a certidão de óbito do tio Fernando, retificada **causa mortis**, ou seja, agora, está assentado que ele **faleceu em razão de morte não natural, violenta, causada pelo estado brasileiro, no contexto da perseguição e generalizada à população identificada como opositora ao regime ditatorial de 1964 à 1985**.

Finalizo com a fala do Felipe, que é desprovido do sentimento de revanchismo, ele deu o caso por encerrado e deixou a cargo da família os próximos passos sobre a fala do Bolsonaro. Ele, em uma conversa informal, me surpreendeu e mostrou mais uma vez o seu espírito republicano, ao afirmar que não busca a prisão dos então torturadores que hoje já devem estar velhinhos, apenas, não aceita a criminalização dos nossos heróis, pra eles, a justiça divina se encarregará de julgá-los.

Reafirmo que a nossa luta é por dentro, é pelos manejos jurídicos apropriados e não aceitamos conluio entre, Estado, juiz e o Estado acusador.

Só temos a agradecer toda essa rede de solidariedade, que é tão genuína, que nos torna forte e imperativo para lutar contra os desatinos do Presidente da República. Forte abraço deste pernambucano, sou advogado, militante embrionário dos direitos humanos e defensor das minorias.

Antônio Augusto Santa Cruz